

DA PRAESENTIA TRISTITIAE E PRAESENTIA INSANITATIS: CARACTERES CONTRASTIVOS ENTRE VIDAS SECAS E PRIMEIRAS ESTÓRIAS

Por Adriano Tarra Betassa Tovani Cardeal *

Num poema intitulado “Desterro”, que está presente na, aparentemente, única obra poemática escrita pelo literato João Guimarães Rosa, datada de 1936, é possível observar-mos, conquanto sucintamente, dois notáveis caracteres constantes das *Primeiras Estórias*, do já mencionado autor, e das *Vidas Secas*, do escritor Graciliano Ramos, de modo geral, e no conto “Sorôco, sua mãe, sua filha”, daquele primeiro livro, e no capítulo “Festa”, deste último, de modo particular, visto que os referidos caracteres podem, respectivamente, ser representados pela tristeza e pela viagem – estúltima, permeada por amplas e tortuosas lou-curas – que as personagens de ambas as estórias devem realizar para cumprir as incumbên-cias às quais, por vezes, creem haverem sido predestinadas.

Não obstante, a observância a esses dois elementos, quais sejam, tristeza e viagem, deveras recorrentes nos mencionados escritos de Ramos e Rosa, remete-nos a um terceiro, o qual se nos apresenta sob a forma da insanidade *in lato sensu*, de maneira que é impor-tante notarmos que há motivos – uns evidentes, outros obscuros –, os quais, às vezes, obri-gam as personagens a tomar drásticas atitudes. Basta pensarmos, por exemplo, nas razões que podem haver levado Fabiano a sair de seu local de origem como retirante, ou nas que fizeram Sorôco buscar auxílio psiquiátrico para sua mãe e sua filha insanas.

A princípio, porém, é mister considerar que, embora, em *Primeiras Estórias*, as dié-geses que nela se encontram aparentem ser “capítulos” pertinentes a uma mesma tessitura, sobretudo se se observam os textos “As margens da alegria” e “Os cimos”, nessa ordem, o primeiro e o último dispostos nesse livro, os quais não só se comunicam entre si, mas tam-bém demonstram possuir alguma sequencialidade quanto à narração e ao enredo a ela ine-rente, o que realmente acontece é serem esses, assim como os demais, contos, e não capítu-los correlatos. Contudo, de maneira contrária, em *Vidas Secas*, a estrutura que parece ser de “contos”, uma vez que, com alguma liberdade, é possível ler em separado as narrativas desse livro, mormente, por sabermos que a primeira a ser escrita foi “Baleia”, a que se su-cederam as demais – ainda que, não necessariamente, na sequência em que hoje se encon-tram nessa obra –, a leitura atenta pode, facilmente, mostrar que se trata, na verdade, de ca-pítulos, e não de contos.

Ainda com relação ao passo epigráfico supracitado, os elementos relativos à viagem e tristeza, em que aquela é, por vezes, sentida como necessária, e esta, como inevitável, es-tão presentes de forma tão irrevogável ao longo de “Sorôco, sua mãe, sua

* Graduando em Letras Clássicas e Vernáculas pela FFLCH-USP.

filha” e de todo o *Vidas Secas* que, à primeira vista, ambas se poderiam entrever como partícipes de um mes-mo mundo, onde mortandade e vivacidade coexistem, a despeito de divulgarem-se diferen-temente no que tange às estruturas e finalidades de cada narrativa.

Ademais, como em quase toda a composição literária de Guimarães Rosa, o ambiente predileto em que suas personagens vivem (e morrem) – tal qual também se vê em algumas composições de Graciliano Ramos, a saber, *Vidas Secas* e *São Bernardo* – é a região agrária ou sertaneja do Brasil. E, por fim, essa profunda tristeza, recorrentemente anunciada em “Desterro”, pode ser interpretada como um poema feito segundo os moldes da E-legia, subgênero da Lírica, sendo aquele, desde a Antiguidade Clássica em Grécia e Roma, reputado o padrão em que se deveriam compor os versos destinados a entoar cânticos de lamentação, aos quais se seguiriam as expressões das dores sentidas pelo eu-poemático, conforme se pode, claramente, verificar em alguns contos da referida prosa de Guimarães Rosa, tal qual em *Vidas Secas*, em que, particularmente, os destinos – que, aliás, não preci-sam ser havidos como predestinados – das personagens lideradas por Sorôco e Fabiano perfazem sofríveis e sofridas vidas, cujas severidades apresentam-se sob inúmeros aspec-tos ao longo das narrações que a respeito delas há.

Doravante, tratemos de analisar, sucinta e comparativamente, o conto “Sorôco, sua mãe, sua filha”, de *Primeiras Estórias*, e o capítulo “Festa”, de *Vidas Secas*, visando a um grau de comparação que os identifique mais amplamente no contexto regionalista a que os romances escritos na década de 1930 estavam aderindo em se tratando da temática pela qual então se começavam a interessar alguns literatos, dentre os quais Graciliano Ramos tornou-se o de maior destaque, por nela haver sido pioneiro.

Primeiramente, é preciso tentar compreender o porquê de Graciliano Ramos haver intitulado a obra literária *Vidas Secas* dessa maneira, isto é, com esse nome. À guisa de uma análise inicial, vê-se que esse nome é composto pelo substantivo plural “vidas”, e o ad-jetivo plural “secas”, os quais lançam a mente do leitor à procura do sentido dessa intitula-ção criada pelo autor. O sintagma nominal “vidas secas” remete, indubitavelmente, às per-sonagens protagonizadoras dessa literatura graciliânica, em que se encontra uma série de a-contecimentos que contribuem para a definição do *éthos* dos sujeitos presentes na trama. Entende-se, facilmente, o uso do adjetivo “secas” – significando ausência tanto de água quanto de alegria –, mas, em se tratando do substantivo “vidas”, é, no mínimo, curiosa sua aplicação titular, porque, simplesmente, o que verificamos, ao ler as *Vidas Secas*, é a ine-xistência de algo que se possa chamar de “vidas” no que se refere à família de Fabiano – todavia, aqui nos valem os citados substantivo em sentido mais conotativo do que denota-tivo, pois, se nos referíssemos a este último, haveria um problema intelectual de nossa par-te, uma vez que as personagens estão vivas do ponto de vista natural ou biológico, o que nos permite, então, o uso mais estrito do significado da palavra “vidas” nesse livro. E esse aspecto peculiar

concede-nos a vênia de julgarmos pertinente que, mercê do adjetivo “se-cas”, colocado após o substantivo abstrato “vidas”, um apropriado significado para o no-me *Vidas Secas* seria o de “morte”, porquanto, se se qualifica como “seca” uma vida, quer isso dizer que ela, se não é a morte em si, ao menos a ela parece, inexoravelmente, estar destinada, embora não predestinada. Ademais, há um exemplo disso no capítulo “Festa”, em que a frase do narrador – “Por isso Fabiano se desviava daqueles viventes” – deixa a impressão de que nem o próprio Fabiano acredita estar “vivo” como as outras pessoas pre-sentes naquela festiva comemoração natalina. E, entre tantas características conhecidas pe-lo ser humano, as quais mostram que ele está vivo – em todos os sentidos –, aquela esco-lhida por Fabiano para comprovar sua limitada consideração remonta à ideia da alegria, grandemente sentida pelos transeuntes daquela festa, às exceções de Fabiano, sinha Vitó-ria, o Menino Mais Novo e o Menino Mais Velho. Quanto à cachorra Baleia, ao menos quando vê os preás ou quando com eles delira à beira da morte, nela parece existir mais vi-da do que nos humanos que dela, familiarmente, cuidam. Destarte, apesar de estarem numa festa – que, habitualmente, é um dos lugares mais propensos às sensações de alegria e de sentimentos a ela afins –, na parentela de Fabiano, não havia indício algum dessa agradável emoção humana. De acordo com o que cremos, eles assim se sentiam porque não sabiam como proceder numa situação em que diversas gentes compartilham tal prazer de festivida-des provindo, já que os positivos caracteres patéticos quase nunca lhes foram concedidos como mundanal apreciação.

Analisando *Vidas Secas* sob o prisma da Etimologia e da Antroponímia – duas das disciplinas auxiliares da Onomástica –, talvez possamos melhor compreender que os no-mes dados a algumas de suas personagens não o foram aleatoriamente, fato que nos ajuda-ria a interpretar a obra sem dela nos abstermos plenamente, ainda que nela não nos apro-fundemos. Assim sendo, o nome de Fabiano tem alguma probabilidade de ser proveniente do adjetivo latino *fabianus*, o qual, por sua vez, proviria do substantivo *fabius*, cujo signifi-cado é “fava”, um tipo de cereal ou vagem, alimento naturalmente existente no mundo a-grícola. Então, é simples entender por que Fabiano somente sabe lidar com coisas agrárias, e, ao postar-se na cidade, não se consegue adaptar aos caracteres da realidade urbana, tam-pouco às pessoas que nela vivem. No caso do nome de sinha Vitória, impressiona a manei-ra como foi construído, maiormente, acerca do que seria um suposto pronome de tratamen-to, “sinha”, porque ele, em verdade, tem seu significado completado, unicamente, quando justaposto ao substantivo “vitória”, a que dirigimos nossa auricular atenção, a fim de per-ceber que, ao proferirmos o sintagma nominal “sinha Vitória”, estamos, verdadeira e fone-ticamente, dizendo “sim à vitória”. O que nos serve de arcabouço para assim interpretar o nome da matriarca de *Vidas Secas* é a contraposição ao factual pronome de tratamento “si-nhá”, o qual, antigamente, só se usava quando alguém se dirigia a uma mulher nascida nu-ma família de proprietários de fazendas e escravos. Como sabemos, a personagem sinha Vitória não tem haveres que

lhe sobejem. Argumento a esse semelhante é o da hipótese de que o vocábulo “sinha”, anteposto ao nome “Vitória”, talvez assim seja pronunciado – ou seja, paroxitonamente – em decorrência da fala popular da região onde essa personagem nasceu, pois, certamente, o nível de escolaridade da população local era baixíssimo ou nulo. No que toca aos filhos de Fabiano e sinha Vitória, eles nem sequer têm nome, razão pela qual são conhecidos, apenas, como Menino Mais Novo e Menino Mais Velho. É estranho, já que até a cachorra tinha um nome pelo qual a chamavam, fato ao qual os Meninos não prestavam atenção, visto nunca o haverem contestado. Não aludamos, todavia, à desgastada questão da personificação da Baleia, pois isso é algo básico e claríssimo na composição textual. Em lugar disso, podemos mencionar que esse é um substantivo próprio oriundo de um comum, com o qual já não partilha relação semântica alguma, já que o processo de dessemantização e ressemantização – que, naturalmente, ocorre nas línguas humanas – encarrega-se de fazer que não mais se olhe para a personagem Baleia pensando nela como se fosse a criatura marinha que, na variante brasileira do Português, recebe o mesmo nome que ela, mas sendo um substantivo comum, e não próprio: baleia. Apesar disso, o autor parece haver nomeado a cachorra dessa maneira para que, tão somente assim, ao menos a princípio, seus donos pudessem-se lembrar de que ainda existem águas e animais marinhos que nelas vivem. Sim, vivem porque têm água à disposição. E a família de Fabiano também quer viver conformemente à acepção desse verbo em sua constituição natural, isto é, no infinitivo.

Portanto, no capítulo “Festa”, de *Vidas Secas*, é possível identificarmos um dos principais condutores narrativos que permeiam toda essa literatura, qual seja, consoante ao anteriormente afirmado, a ausência da alegria ou, simplesmente, a presença da tristeza. De-tendo-nos um pouco mais nesse relevante aspecto do enredo, torna-se bastante notório, ao lermos essa estória, que estamos diante de algo em que pôs o autor considerável tento, por meio do qual procurou caracterizar e dar vida – embora secamente – a suas criaturas poéticas, em cujos espíritos não há alegria ou algo que os motive a senti-la, apesar de a tristeza que consigo são obrigados a carregar, suportando-a, não ser tão extrema a ponto de torná-las inertes personagens, conquanto sejam quase totalmente inermes, pois lhes faltam instrumentos mínimos para empreender grandes reflexões sobre o *status quo ante* no qual inser-tas, apesar de incertas, estão suas existências.

Semioticamente, conseguimos ver que, tanto em “Festa” quanto nos demais capítulos de *Vidas Secas*, tudo que se relaciona às funções actanciais fundamentais de sujeito, an-tissujeito e objeto – as quais significam, basicamente, de modo respectivo, “o que busca”, “o que se opõe à busca” e “o que se busca” – mostra uma maior tendência a enaltecer os potenciais atribuídos com dolorosa ênfase ao antissujeito – presente, de maneira múltipla, na estrutura da narração –, impossibilitando, no mais das vezes, que os sujeitos alcancem os objetos aos quais, avidamente, almejam. Ora, mas não seria

decoroso inculpar Gracilia-no Ramos – ou, até mesmo, o narrador de sua prosa – pelas imensas adversidades impostas à família de Fabiano, sobretudo porque o que se narra a respeito dela sói acontecer, quoti-dianamente, a muitos habitantes nordestinos – respeitadas as devidas proporções que lhes competem – em nossa realidade empírica, mesmo que tais pessoas não tenham um temível antissujeito que equivalha à personagem Soldado Amarelo. A propósito, cabe questionar o porquê de esse ser o nome dessa personagem: não sabemos se é devido a sua farda ou à cor de sua pele. Qualquer que seja a explicação para isso, importa observar outra ambiguidade da obra: visto ser o amarelo, metaforicamente, em algumas culturas ocidentais, a cor representativa ou simbolizadora do medo, parece estranho que, ao contrário do que se poderia esperar desse fato, aquele soldado tenha consigo a valentia, e Fabiano, a covardia, que, se bem o consideramos, é o primeiro – se não o maior – de seus antissujeitos.

Finalmente, ao analisar a constância sob a qual a temática da tristeza perfaz a narrativa das instigantes *Vidas Secas*, enfatizando seu paroxismo no capítulo “Festa”, no qual, às margens da alegria, e contrariamente à isotopia esperável de uma ocasião comemorativa, mantêm-se e, quiçá, intensifiquem-se as trágicas emoções advindas da *praesentia tristitiae* e, portanto, da *absentia laetitiae*, expressões as quais são, nessa ordem sintagmática, mar-cadoras da “presença de tristeza” e da “ausência de alegria”, que, a um só tempo, norteiam a “vital sequidão” dessas personagens graciliânicas.

Neste ponto, passemos a discorrer acerca do conto “Sorôco, sua mãe, sua filha”, no qual Rosa estabeleceu como cerne interpretativo o tema da *praesentia insanitatis*, que, em certa medida, conduz sua narrativa, paralelamente, a um patamar dramático em que se tem a mesma *praesentia tristitiae* de “Festa” como imediata consequência, e isso se dá porque, entre outros motivos, a proeminente matriz psicológica, vivenciada pelos entes literários de Graciliano, abarca em si a totalidade dos problemas da ordem social advenientes e despro-vidos de resolução, uma vez que tanto a tristeza quanto a loucura irmanam-se em suas di-mensões assoladoras dos espíritos humanos. Contudo, o elemento da insanidade mental não se apresenta em *Vidas Secas*, e sim em *Primeiras Estórias* – aliás, em mais de um con-to –, de modo que aquele no qual se apresenta a personagem Sorôco é apenas um dos e-xemplares realmente dignos de conta – e de comiseração. Nem todo despro-vidamento de ra-zão apequena o espírito humano.

Em nada obstante, no “Sorôco, sua mãe, sua filha”, João Guimarães Rosa apresenta algumas personagens que não possuem domínio sobre suas faculdades mentais, entre as quais se destacam as três mencionadas no título desse conto – apesar de, nele, o narrador considerar, na maior parte de sua diégese, as insanidades mentais da mãe e da filha de So-rôco, não se aprofundando, pois, nas características psíquicas daquele homem que as con-duzia rumo ao trem o qual se postava na estação a sua espera, a fim de levá-las a algum sa-natório, porque Sorôco já não possuía condições de delas tomar conta,

principalmente, por-que essas mulheres, de si mesmas, havia muito, não prestavam conta alguma.

Etimologicamente, poderíamos tentar compreender o nome “Sorôco”. Para tanto, buscamos o auxílio da obra *O Léxico de Guimarães Rosa*, a qual é um amplo estudo realizado com vistas a recolher, num único volume – à semelhança do que lexicógrafos fazem ao compor e organizar um dicionário – todos os neologismos concebidos pela impressionante mente de Rosa. Porém, para nossa surpresa e impossibilidade de explicação do fato, não há, na referida obra, um verbete que faça menção à personagem Sorôco, tampouco ao significado desse curioso nome. Entretanto, ao havermos pesquisado no *Vocabulário Tupi-Guarani-Português*, foi-nos possível encontrar, no verbete “Sorocaba”, uma possível raiz que explique a origem da denominação dessa personagem roseana. Assim, está escrito nes-se léxico, em dois diferentes excertos, que (i) a palavra “Sorocaba” significa “ruptura do solo, lugar de boçorocas, de rasgões da terra” e (ii) que esse vocábulo provém “de *soroc-*, buraco, fenda, rasgão do solo; *-aba*, conjunto desses rasgões e fendas da terra”. Portanto, de ambas as acepções etimológicas consideradas, conseguiremos auferir algum sentido ao tomarmos por objeto analítico o provável radical *soroc-*, o qual nos parece um morfema bastante interessante quanto ao uso de que se serviu Guimarães Rosa ao compor o nome do protagonista do conto “Sorôco, sua mãe, sua filha”, visto que, remontando a seu enredo, vemos que, factualmente, Sorôco é alguém vazio, desprovido de algo importante que pre-encham esse “buraco” que há em sua existência, que, decerto, ele gostaria de chamar de “vi-da”, ainda que esta lhe parecesse, demasiadamente, “seca”. Demais, observemos que, por meio do processo fonológico da paragoge – o qual se dá ao introduzir-se um fonema vocálico no final de uma palavra qualquer –, aquele que seria, em Tupi Antigo, a um só tempo, substantivo comum e radical – *soroc* –, torna-se, na psique deveras inventiva de Guimarães Rosa, um insólito antropônimo – Sorôco. Mas o que se lhe sucede não é algo, no âmbito social, tão distinto do que acontece a Fabiano, pois, tanto a ele quanto a Sorôco, os prazeres existenciais surgem qual desérticas miragens cujo alcance é impossível de obter, senão pelo intermédio dos desejos de conquistá-las, a despeito de suas constantes adversidades. Ademais, é notável que, ao lermos o nome “Sorôco” em voz audível e com mínima atenção, o significante provindo da conformação dos fonemas que o compõem provoca-nos a impressão de estarmos a ouvir alguém dizendo, de si mesmo, e de maneira um pouco gros-seira ou indicativa de pouca instrução por parte de seu proferidor: “sô oco” – sugestão na qual se nota a supressão do fonema /r/, em que “rôco” > “oco” – ou “sô loco” – hipótese na qual se observam, a um só tempo, a lambidização do fonema /r/ em /l/, em que “rôco” > “louco”, e a monotongação de “louco” em “loco”, fenômenos linguísticos bastante comuns na língua portuguesa falada no Brasil. No caso de adotarmos o primeiro suposto significante como correto, isto é, “sô oco”, este se adequará, facilmente, à supracitada possibilidade etimológica. Ao contrário, se nos pusermos a aceitar o segundo

suposto significativo como certo, ou seja, “sô loco”, este se aplicará, com mais adequação, ao assunto de que trata o conto ora sob análise. Na verdade, temos evidências, ao longo de toda a narrativa de “Sorô-co, sua mãe, sua filha”, as quais nos apontam para a direção que nos dá condições de jul-garmos conveniente a consideração de ambas as veredas interpretativas correlativas à an-trópica nomação dessa personagem de João Guimarães Rosa.

Enfim, respeitante ao elemento que nos interessa para compreender as ocorrências, nesse conto roseano – tal como no capítulo graciliânico –, da *praesentia tristitiae*, volte-mos nossos olhares ao final de “Sorôco, sua mãe, sua filha”, pois, ali, existe um aconteci-mento minimamente espantoso, já que tanto Sorôco quanto os demais habitantes daquela cidade põem-se a cantarolar algo ininteligível e impossível de ser dotado de beleza, de sor-te que a música por eles entoada dá-se, imediatamente, após a partida das mulheres – mãe e filha de Sorôco – no trem que as conduziria a um manicômio qualquer. Ora, isso é um fator que, sobejamente, deixaria qualquer pessoa mentalmente sã extremamente infeliz e impos-sibilitada de articular alguma palavra, do que decorre que cantar, então, seria, ainda mais, impensável, pois o momento não inspirava alegria, mas apenas uma profunda tristeza, a ú-nica geradora de toda aquela cantoria, que não indicava outra coisa senão que Sorôco tam-bém havia enlouquecido devido à ampliação de seu metafórico vazio. E é por tudo isso que concluímos ser a *praesentia tristitiae* responsável direta pela *praesentia insanitatis*, por-quanto, se a nós é permitido assim compreender, nesse caso, a tristeza pode-se configurar como causadora da loucura.

Portanto, após as análises acima realizadas quanto a alguns caracteres presentes no capítulo “Festa”, de *Vidas Secas*, e no conto “Sorôco, sua mãe, sua filha”, de *Primeiras Es-tórias* – adotando, como ponto de vista, os aspectos referentes à tristeza e à loucura de que se compõem as duas obras mencionadas –, somos capazes de, ao menos, supor que tais tex-tos literários tenham, além dos precitados, outros elementos que as façam semelhantes em muitos passos de suas tessituras.

Em suma, o que verificamos, em *Vidas Secas* e *Primeiras Estórias*, de modo geral, e em “Festa” e “Sorôco, sua mãe, sua filha”, de modo particular, foi o alcance de uma es-sência de sofrimento causado por profundas tristezas – característica presente nas duas o-bras – e por uma, aparentemente, contagiante loucura – que, por sua vez, apresentava-se, tão somente, nas estórias roseanas, de modo que é lícito considerar que, a partir dos anos 1930, no Brasil, o raciocínio condutor da produção de muitos romances imersos naquela é-poca punha-se a investigar, ainda que incipientemente, os obscuros meandros dos quais são compostas as humanas mentes, acenando-se para os albores de uma proeminente “literatura psicológica”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALI**, Manoel Said. *Versificação Portuguesa*. São Paulo: EDUSP, 2006.
- ANDRADE**, Mário de. *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins, 1974.
- AUERBACH**, Erich. *Ensaio de Literatura Ocidental*. Tradução de Samuel Titan Jr. & José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades | Editora 34, 2007.
- BOSI**, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BUENO**, Silveira. *Vocabulário Tupi-Guarani/Português*. São Paulo: Vidalivros, 2008.
- CÂNDIDO**, Antônio. *O Estudo Analítico do Poema*. São Paulo: Humanitas, 2006.
- *Noções de Análise Histórico-Literária*. São Paulo: Humanitas, 2005.
- CUNHA**, Antônio Geraldo da. et alii. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- ECO**, Umberto. *Os Limites da Interpretação*. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- HOLANDA**, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- KAYSER**, Wolfgang. *Análise e Interpretação da Obra Literária*. Tradução de Paulo Quintela. Coimbra: Arménio Amado, 1976.
- LAPA**, Manuel Rodrigues. *Estilística da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MARTINS**, Nilce Sant'Anna. *O Léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- MACHADO**, Dyonélio. *Os Ratos*. São Paulo: Planeta, 2004.
- RAMOS**, Graciliano. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- *Vidas Secas*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- RIBEIRO**, Darcy. *O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- ROSA**, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Recebido em janeiro de 2012.
Aceito em maio de 2012.